

A SEXUALIDADE DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA MENTAL: IMPLICAÇÕES NO MEIO FAMILIAR, REPERCUSSÕES NO AMBIENTE ESCOLAR

Tânia Gonçalves Martins¹

Rua Jacuí, 40; bl.09, apto. 402 - Floresta. Belo Horizonte-MG. CEP: 31.110-050

Telefone: 31- 34222141 / 92239721

taniagm.psi@terra.com.br

RESUMO

Partindo das dificuldades encontradas no trabalho junto a crianças com deficiência mental em instituição especializada, foi realizado este estudo numa abordagem qualitativa elaborado a partir de entrevistas dirigidas realizadas com 8 mães de alunos, com idades entre 05 e 07 anos, da APAE-Três Lagoas, MS. Propunha-se analisar, por meio dos comportamentos e curiosidades apresentadas pelas crianças no meio familiar, o desenvolvimento sexual das crianças com deficiência mental, a compreensão das famílias acerca deste processo e o tipo de orientação que oferecem. Constatou-se que as crianças têm dificuldade de compreender esse aspecto do desenvolvimento. A maioria delas não formula questões objetivas sobre o tema, mas manifestam suas curiosidades por outros meios revelados pelas mães. Além do déficit cognitivo, outras variáveis presentes no meio familiar influenciam na sexualidade das crianças com deficiência mental. As famílias lidam com o tema como um grande tabu, reprimem muitas manifestações das crianças, não se preocupam em orientar e sim em ensinar comportamentos considerados por elas mais adequados visando aceitação social. Esta constatação justifica o investimento, por parte das instituições especializadas, num trabalho voltado, tanto para os alunos, como para orientação às famílias desde o ingresso do aluno no ensino infantil.

¹ Psicóloga, discente do Curso de Especialização em Educação Especial. Faculdades Integradas Rui Barbosa, Andradina - SP

1. INTRODUÇÃO

O trabalho em instituição educacional especializada no atendimento a pessoas com deficiência mental envolve alguns desafios. A compreensão de que, em muitos aspectos, os alunos vão se desenvolver normalmente é difícil. Nesse mundo de incompreensão, a sexualidade aparece como mais uma dificuldade. De modo geral, as pessoas não esperam que um indivíduo com dificuldades para aprender possam desenvolver, de maneira satisfatória, sua sexualidade. No entanto, como qualquer pessoa “normal”, eles se desenvolvem sexualmente, respondem aos seus instintos e estímulos, porém, em muitos casos, sem estar devidamente preparados e orientados para compreender o que está se passando.

Portanto, a sexualidade da pessoa com deficiência mental constitui um aspecto de seu desenvolvimento que precisa de investimento, atenção e cuidado dos profissionais que atendem esta clientela. No trabalho como psicóloga escolar em instituições de ensino especial, constatou-se que são freqüentes, entre os adolescentes, histórias de abuso sexual, tentativas de envolvimento em jogos sexuais na escola, grande número de casos de gravidez precoce, além da falta de crítica sobre o próprio comportamento, provocada, em parte, pela falta de esclarecimento e pelas dificuldades que os jovens enfrentam para lidar com as mudanças e necessidades provenientes do corpo em desenvolvimento (crescimento dos seios, menstruação, excitação sexual, masturbação e a própria higiene que o corpo impregnado de hormônios necessita).

As dificuldades enfrentadas por este grupo na adolescência podem ser conseqüências de falhas na educação durante o desenvolvimento infantil. Subestimadas, recebendo tratamento infantilizado, rotuladas de incapazes em todas as fases de seu desenvolvimento, as orientações, ensinamentos e regras são deixados de lado em nome do cuidado e da superproteção. A pessoa com deficiência mental vai perdendo sua identidade, autonomia e iniciativa, e seu desenvolvimento fica estagnado e submetido à concepção de que permanecerá com uma idade mental muito distante da idade cronológica. Todavia, em que medida o déficit cognitivo interfere no desenvolvimento sexual da pessoa com deficiência mental?

Aznar e Castañon (2004) consideram que a maioria das pessoas com deficiência mental encontram-se num estado de alienação, estagnadas sob a proteção e desejos da família, desta forma, não se pode esperar que tenham iniciativa e espontaneidade se não lhes são dadas oportunidades de fazer trocas, de se relacionarem.

A sociedade, atualmente, lida mais facilmente com questões ligadas à sexualidade. Entretanto, o desenvolvimento sexual da pessoa com deficiência mental foi, por muito tempo, incompreendido (e em muitas situações ainda o é). Seu atraso na área da aprendizagem e a dificuldade de compreensão sempre foram confundidos com a impossibilidade de se desenvolver em outros aspectos (social, fisiológica e psicologicamente). Sua convivência social se restringia aos membros da família, eram afastados de outros grupos sociais e tratados de maneira infantilizada. Não tinham direito a um momento de intimidade e privacidade, dificultando a compreensão do que constitui um comportamento adequado, e do que pode ou não ser feito em público. O desenvolvimento sexual era ignorado, e suas manifestações consideradas muito exacerbadas, inapropriadas e patológicas. (PORTELLA, 2004).

Desvinculadas destas crenças, essas pessoas são capazes de provar que possuem características e habilidades muito diferentes, e necessidades que precisam ser atendidas para seu desenvolvimento integral e aproveitamento de suas potencialidades. A sociedade precisa de esclarecimentos quanto aos fatores que causam a doença mental para priorizar a prevenção e disseminar os cuidados pré-natais. O trabalho com a pessoa com deficiência mental deve ser voltado para o atendimento de suas necessidades especiais, desenvolvimento de suas potencialidades, integração e participação na sociedade. Ela deve ser entendida como um ser humano que tem dificuldades de compreensão, associação e abstração, mas apresenta as mesmas necessidades sociais de valorização, reconhecimento, respeito e envolvimento afetivo que as outras pessoas.

Sabe-se que, quanto aos aspectos físico e fisiológico, salvo por situações adversas, o desenvolvimento das pessoas com deficiência mental é normal e todas as fases e mudanças características da infância e adolescência prevalecem iguais às da criança considerada normal. Porém, as manifestações e comportamentos, muitas vezes, não condizem com o esperado para cada idade e, por isso, as pessoas com deficiência mental são mal compreendidas, discriminadas e recriminadas.

A sexualidade é um tema que assusta e, normalmente, só é trabalhado quando, já na puberdade, os alunos manifestam suas necessidades de satisfação sexual pela masturbação, ou se envolvem em brincadeiras sexuais, geralmente com colegas do mesmo sexo. É aí que o horror se instala. Para ele, aluno, que nunca recebeu uma orientação e que por sua própria condição não possui crítica do que está fazendo, sua prática é uma resposta instintiva aos estímulos do corpo em desenvolvimento. Para as famílias (ou mesmos para os profissionais da área de educação), por sua vez, trata-se de algo incompreensível, vergonhoso e com o qual têm que lidar - muitas vezes ainda sem a intenção de instruir o jovem, mas de inibir tal prática

sem perceber que a sexualidade faz parte da vida destes jovens que estão em desenvolvimento. Ribeiro (2003, s/p) aponta em pesquisa realizada com adultos com deficiência mental que as dificuldades que enfrentam no “exercício de seus relacionamentos amorosos, parecem mais influenciadas pela educação que receberam do que pela limitação imposta apenas pela deficiência mental”.

Pan (2003) ressalta que, por direito e dever, constitui função da família a educação sexual dos filhos, mas também, considera que as famílias convivem com a incógnita sobre o desenvolvimento do filho, a vulnerabilidade e a incerteza quanto à possibilidade de se tornarem independentes – dúvidas que, muitas vezes, se transformam em medo e geram sentimentos de culpa.

As dificuldades encontradas pela família justificam a necessidade que possuem de apoio e orientação por parte dos profissionais que trabalham com seus filhos, porém é importante ressaltar que a função dos profissionais é auxiliar e não substituir o papel dos pais. (PAN, 2003).

Denari (2002) reforça esta idéia advertindo que um grande erro observado nos programas de orientação consiste na estruturação de um plano de ensino voltado para a biologização do tema sexualidade, não se vê preocupação em orientar as pessoas com deficiência a partir de sua própria vivência, suas curiosidades e necessidades. Assim como os conteúdos pedagógicos, a sexualidade também deve ser ensinada partindo das especificidades de cada pessoa.

Por este motivo, os profissionais que trabalham com esta clientela e, neste caso, não podemos excluir aqueles que compõem as instituições educacionais, devem trabalhar dentro de uma perspectiva humanista preocupando-se com a qualidade de vida e com o significado que a deficiência tem para o próprio indivíduo e para a família. (PAN, 2003).

2. A SEXUALIDADE INFANTIL

Segundo Gesell (1998b), o desenvolvimento da consciência do eu depende da organização gradual das experiências vividas pela criança - na exploração do ambiente físico e nas relações interpessoais. Assim, a criança começa a diferenciar o eu do não eu. Uma das formas de distinção a que ela recorre é a diferença de sexo – primeiro pelas características aparentes (roupas, acessórios, comprimento do cabelo), em seguida, chega às diferenças físicas que representam cada sexo (Seios, pênis, vagina, pêlos no corpo...). Este é um importante passo para a construção de sua identidade, reconhecer-se como pertencente a um

dos gêneros. O próximo desafio será aprender o papel que representa esse sexo. “Assim, durante os anos formativos da idade pré-escolar, e antes do chamado papel do sexo se encontrar bem estabelecido, a criança muda com bastante facilidade do papel de um sexo para o outro” (p. 281). O autor acrescenta:

O período dos cinco aos dez anos não é um período sexual latente ou adormecido. É um período de progressiva organização. Aperfeiçoamentos incessantes das atitudes do eu e das atitudes sexuais vão assentando os alicerces para os desenvolvimentos mais intensos da puberdade. (GESELL, 1998b, p.282).

A consciência dos órgãos genitais se forma gradualmente e a rapidez e intensidade como isso acontece varia em cada criança e depende da interferência de vários fatores: “seu temperamento, a presença ou ausência de irmãos e irmãs”, os costumes familiares ao usar o banheiro. (GESELL, 1998a, p.257).

Autores como Guesell (2002b), Brazelton e Sparrow (2003), que tratam do desenvolvimento infantil baseando-se na concepção de evolução maturacional da criança, apresentam aspectos que caracterizam o desenvolvimento da sexualidade infantil.

Conforme Guesell (1998b, p.284-290), do nascimento aos 02 anos de idade, a criança apresenta manifestações involuntárias de excitação dos órgãos genitais e percebe sua presença e reações através da manipulação e das sensações geradas durante as eliminações da urina e na excreção. A partir de então, as manifestações se sucedem:

- Aos **02 anos**: as crianças distinguem meninos e meninas pelo corte de cabelo e pela roupa. Em seguida, interessam-se pela maneira diferente de urinarem e, como forma de buscar essa compreensão, imitam o comportamento do sexo oposto.
- Aos **03 anos**: identificam seu próprio sexo, têm interesse pelas diferenças anatômicas e curiosidades pela diferente forma como meninos e meninas fazem xixi. Querem ver o corpo dos adultos e, por vezes, tocá-los (os seios, o pênis, a vagina). Começam a se interessar pelo casamento e pelos bebês: desejam ter um bebê em casa, querem saber o que eles são capazes de fazer, de onde eles vêm, mas não são capazes de entender que se desenvolvem no ventre da mãe.
- Aos **04 anos**: podem se sentir constrangidos e exigir privacidade para usar o banheiro, mas exprimem muita curiosidade e desejo de observar outras pessoas nesta situação. São capazes de identificar as diferenças entre os sexos e, através de brincadeiras exploratórias com parceiros do mesmo sexo, ou do sexo oposto, criam formas concretas para descobrir

o que não sabem. O intuito final, diferentemente da conotação dada por um adulto que presencia este tipo de fato, é categorizar as diferenças sexuais. Fazem a distinção de sexo em suas brincadeiras. Perduram com as questões a respeito de onde vêm os bebês e se mostram divididos em aceitar que eles saem da barriga da mãe, podendo fantasiar que nascem pelo umbigo ou acreditar que são comprados.

- Aos **05 anos**: familiarização com as diferenças sexuais, diminuição dos jogos exploratórios e do interesse em observar adultos no banheiro. Os brinquedos são eleitos pelo gênero e se negam a utilizar aqueles que não sejam destinados ao próprio sexo. Aceitam brincadeiras em grupo ou em pares. Demonstram interesse por bebês e curiosidade pelo período em que estavam em gestação.
- Aos **06 anos**: conhecem as diferenças físicas entre os sexos e fazem questionamentos a respeito. Podem acontecer novos jogos de exploração nas brincadeiras em grupo. Confundem-se ainda na caracterização de gêneros. Revelam interesse em casar com pessoas que lhe são próximas (familiares). A criança demonstrará curiosidade e será capaz de elaborar perguntas para compreender as diferenças observadas na fase anterior e que suscitaram o interesse de entender como nascem os bebês e curiosidades sobre a gravidez e o parto.
- Aos **07 anos**: Diferenciação de gênero e do papel sexual. Começam a pensar em namoro com a finalidade de casamento. Insistem em que os pais tenham outra criança, preferencialmente, do mesmo sexo. Procuram respostas mais detalhadas a respeito da concepção, da gestação, do parto e dos cuidados básicos com o bebê.

Partindo desta concepção sobre a evolução da sexualidade, Gesell (1998a, p.255) afirma que o desenvolvimento sexual da criança implica na formulação de juízos sobre a própria identidade, o lugar e o papel que ocupa na sociedade. Esta formação, embora carregada de emoções e identificações, constitui um exercício intelectual que exige percepção, discriminação e inteligência. É justamente essa capacidade (diferenciada em cada criança) que permitirá o amadurecimento esperado ou a necessidade de maiores orientações.

3. A SEXUALIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA MENTAL

As curiosidades sobre sexo estão presentes desde a infância, e as experiências vividas neste período influenciarão no comportamento sexual da vida adulta (PAN, 2003). Porém, a educação sexual não se restringe às noções de diferenças sexuais e reprodução, engloba também toda a sexualidade humana incluindo sentimentos, atitudes, comportamentos e a forma como as pessoas se percebem e se relacionam com as outras. Este tema gera curiosidade nas crianças, mas como existe grande dificuldade por parte das famílias em lidar com a naturalidade demonstrada pelas crianças, perde-se a oportunidade de diálogo e elas se desenvolvem cheias de dúvidas e falsas verdades. (LIPP, 1988).

Gauderer (1996) coloca a importância da liberdade que deve ser oferecida às pessoas com deficiência mental para explorar o próprio corpo, descobrir o prazer, expressar suas curiosidades e fazer questionamentos, sentindo-se acolhidas e respeitadas, sem inibições e reprimendas.

Desta forma, os conteúdos precisam ser trabalhados à medida que a pessoa com deficiência se mostra capaz de entendê-los, ou quando as características evolutivas da vida sexual exigirem uma explicação (transformações do corpo, menstruação, masturbação). Nestes casos as orientações deverão se adiantar aos questionamentos. (PAN, 2003).

Assim, considerando a necessidade de atenção à qualidade de vida das pessoas com deficiência mental e a necessidade de receberem orientação adequada, LIPP (1988) salienta que é importante responder às crianças suas perguntas sobre sexo. No caso de crianças com deficiência mental, surge um novo problema, pois em muitos casos as crianças manifestam interesse ou curiosidade por aspectos sexuais, mas não são capazes de formular questões podendo, também, ter grande dificuldade para compreender as explicações dadas. Pensando, particularmente, na dificuldade da pessoa com deficiência mental em perceber e compreender o próprio desenvolvimento surgem as seguintes questões:

Que conceito terá uma criança a respeito de seu próprio eu e de seu papel sexual se, por um atraso cognitivo, não consegue perceber ou questionar sobre os aspectos do desenvolvimento da sexualidade e da vida sexual humana?

Que tipo de perguntas e (ou) experiências exploratórias estas crianças seriam capazes, respectivamente, de criar e vivenciar? Será que apresentariam as mesmas curiosidades reveladas pelas crianças que não possuem déficit cognitivo?

É possível pressupor que a falta de curiosidade manifestada pelas crianças com deficiência mental a respeito de sexo incute nos familiares a idéia de que elas apresentam

atraso também no desenvolvimento sexual, e que não carecem de orientação desde a tenra idade. Situação que acarretaria problemas quando, na puberdade, essas pessoas aspirassem por uma satisfação não compreendida sobre a qual não receberam orientação alguma. Outra suposição é a de que são os profissionais e familiares que ignoram suas curiosidades e interpretam suas manifestações como aberrações sexuais, atravancando todo o seu desenvolvimento. A fim de avançar na compreensão dos aspectos que influenciam na evolução da sexualidade da criança com deficiência mental, um caminho possível, é descobrir se existe ou não, por parte delas, curiosidade e explorações a respeito do sexo e, em seguida, verificar como são orientadas aquelas que manifestam tal interesse.

Para tanto, foi desenvolvido esse estudo que buscou investigar junto às mães de um pequeno grupo de crianças com deficiência mental se estas estão sendo preparadas para viver sua sexualidade e explorá-la combinando aspectos fisiológicos e cognitivos, ou seja, reconhecendo-se como pertencentes a um dos sexos, conhecendo as características físicas e fisiológicas de cada sexo, reconhecendo seu papel social para, assim, compreender as mudanças que acontecem na puberdade e saber como direcionar seus instintos e viver livremente sua sexualidade. A proposta desse trabalho era buscar compreender o desenvolvimento sexual das crianças com deficiência mental e a dificuldade de compreensão acerca da própria sexualidade. A partir das explorações e curiosidades que revelam no meio familiar; verificar o posicionamento das famílias diante das explorações sexuais e questionamentos revelados pelas crianças, investigar o tipo de orientação dada às crianças com deficiência mental quando manifestam curiosidades relativas à sexualidade.

Tais manifestações poderiam revelar indícios do nível de compreensão que as crianças têm sobre sexualidade e da interferência do déficit cognitivo no seu desenvolvimento sexual. Visto que, como afirma Gesell (1998b), a compreensão das transformações que surgirem na puberdade, a expressão da sexualidade e a possibilidade de uma vida sexual ativa, dependerão de toda a construção feita durante a infância sobre a diferença dos sexos e a compreensão do papel sexual. Corroborando esta idéia Facion e Giannini (2002, p.77) esclarecem que a sexualidade da pessoa com deficiência mental, sob o ponto de vista da função fisiológica – reprodutiva, é igual à de qualquer organismo normal. A diferenciação é observada quando a sexualidade é entendida “como função erótica de busca de prazer”. Nesse caso, o déficit cognitivo e a imaturidade emocional da pessoa com deficiência mental dificultam a aquisição e compreensão de comportamentos que respeitem as regras sociais, revelando que o medo de aceitar o desenvolvimento sexual da pessoa deficiente é, na verdade, um despreparo social para aceitar suas formas prováveis de manifestação.

4. METODOLOGIA

O estudo, desenvolvido numa abordagem qualitativa, foi realizado na Associação de Pais e Amigos (APAE) de Três Lagoas-MS, onde o pesquisador atuava profissionalmente e conhecia os alunos e a comunidade escolar.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista dirigida com oito mães de alunos da APAE Três Lagoas-MS com idade entre 05 e 07 anos, níveis cognitivos variados, mas que apresentavam bom desenvolvimento na área da linguagem sendo capazes de se expressar verbalmente e fazer questionamentos.

As perguntas elaboradas para a entrevista abordavam temas sobre sexualidade que, conforme Guesell (1998b), constituem foco de interesse de crianças até os 07 anos de idade incluindo questões gerais sobre as manifestações ou curiosidades expressas pelas crianças sobre sua sexualidade no ambiente familiar e as reações dos familiares diante de tais acontecimentos; questões com temas específicos como: diferenças sexuais e de gênero, gravidez, nascimento de bebês, concepção, namoro e casamento, reações diante de cenas picantes na TV ou de fotos sensuais em revistas, ocorrência de brincadeiras infantis de exploração sexual, episódios de masturbação, curiosidade sobre a nudez dos pais ou pessoas do sexo oposto.

Material utilizado: questionário elaborado pelo pesquisador, gravador, fita magnética.

5. RESULTADOS

Os dados dispostos abaixo, na Tabela 1, revelam que todas as crianças já haviam demonstrado algum tipo de curiosidade. Na maioria dos casos, a curiosidade não era expressa claramente por meio de perguntas, mas pôde ser observada e descrita pelas mães a partir de atitudes ou comportamentos de fundo sexual.

Tabela 1 – Relação dos temas abordados nas entrevistas e frequência de manifestações apresentadas pelas crianças, conforme informação das mães:

Temas abordados com as mães entrevistadas	Incidência de manifestações apresentadas pelas crianças								Total de respostas afirmativas
	Suj. 1	Suj. 2	Suj. 3	Suj. 4	Suj. 5	Suj. 6	Suj. 7	Suj. 8	
Curiosidade sobre sexo				x			x	x	3
Curiosidade sobre gravidez				x	x		x	x	4
Curiosidade sobre concepção ou nascimento				x	x		x	x	4
Questiona ou tem fantasias sobre namoro e casamento			x	x			x	x	4
Interesse em ver gravuras ou cenas picantes na TV	x	x	x	x			x		5
Ocorrência de brincadeiras exploratórias com outras crianças				x					1
Casos de masturbação		x			x	x			3
Curiosidade sobre a nudez dos pais				x		x	x	x	4
Curiosidade sobre as diferenças de sexo		x	x	x		x	x		5
Curiosidade sobre a forma diferenciada de homens e mulheres usarem o banheiro.		x	x	x		x	x		5

Com o propósito de verificar se as mães identificavam e, até mesmo, admitiam a ocorrência de manifestações ou curiosidades expressas por seus filhos sobre sexualidade, as entrevistas iniciavam-se com a seguinte questão: “Seu filho já demonstrou curiosidade a respeito de sexo? Como manifestou tal curiosidade?” Diante desta questão, entre as oito mães entrevistadas, cinco negaram qualquer tipo de manifestação ou curiosidade a respeito do tema vinda de seus filhos. Porém, no decorrer das entrevistas, diante de questões mais específicas, todas revelaram a ocorrência de pelo menos uma situação na qual a criança havia demonstrado interesse sobre o tema em situações como: ver cenas picantes na TV, ou gravuras sensuais; observar o comportamento dos pais ou de outras crianças; criar fantasias sobre namoro; participar de brincadeiras exploratórias; imitar o comportamento dos pais e irmãos, ou de cenas vistas na TV. Tal situação pode ser entendida como uma dificuldade para perceber o interesse das crianças quando a curiosidade a respeito de sexo não é expressa por meio de perguntas objetivas. A partir das falas das mães, foi possível constatar que os temas a respeito dos quais as crianças mais expressam sua curiosidade por meio de perguntas objetivas são a gravidez, o nascimento e a diferenças físicas entre homens e mulheres.

5.1 Atitudes adotadas pelos familiares diante dos comportamentos ou interesses expressos pelas crianças

Diante das manifestações reveladas pelas crianças, as mães confessaram encontrar grande dificuldade em dar explicações adequadas sobre os diferentes aspectos do desenvolvimento sexual, criando histórias fabulosas ou muito simplórias para explicar sobre as diferenças de sexo, o desenvolvimento do corpo e também, sobre concepção, gravidez e nascimento.

Todas as mães demonstraram grande preocupação com as brincadeiras exploratórias e cuidados excessivos para que as crianças não participassem destes jogos. Somente uma mãe revelou ter presenciado a filha neste tipo de brincadeira e admitiu que ficou nervosa, ríspida com a criança e que inventa histórias que provocam medo para inibir o comportamento da filha.

Quando se trata de estimular fantasias precoces sobre namoro, exigir comportamentos adequados esperados para cada sexo, ou explicar sobre a gravidez devido à convivência com alguma gestante, as mães cujos filhos não produzem nenhum tipo de questionamento antecipam a curiosidade das crianças e fornecem explicações. Porém, ficam restritas às informações que resultam num bom comportamento perante a sociedade e não se preocupam, na realidade, em dar uma orientação sexual.

.Em algumas famílias, a nudez constitui enorme tabu e a curiosidade revelada pelas crianças reforça atitudes, por parte dos pais, como o silêncio, falsas explicações, o cuidado extremo de esconder a nudez das crianças.

A masturbação foi observada pelas mães de quatro crianças e descrita como uma prática muito reprimida no meio familiar. Não existe preocupação em orientá-las, e sim, em extinguir o comportamento.

Quando as mães percebem a dificuldade de compreensão da criança ou a falta de interesse pelo tema, tendem a reduzir os ensinamentos ao uso correto do banheiro, inibição das brincadeiras exploratórias e masturbação estimulando, por sua vez, que demonstrem interesse pelo sexo oposto compactuando com as fantasias de namoro infantil.

6. CONCLUSÃO

O estudo propiciou uma compreensão maior das diferentes variáveis que interferem no desenvolvimento sexual da criança. É certo afirmar que o déficit cognitivo dificulta a compreensão do que é vivenciado pelas crianças e, em muitos casos, elas formulam suas questões tardiamente quando comparadas com a maioria das crianças consideradas normais. No entanto, outras variáveis devem ser levadas em conta: a cultura e os tabus familiares e sociais, a convivência maior (ou menor) com pessoas do mesmo sexo ou sexo oposto, a convivência com outras crianças ou somente com adultos, as atitudes e orientações das famílias diante de seus comportamentos e curiosidades e a oportunidade de receber orientação de outras fontes seguras quando a família se omite.

Conforme a descrição dos entrevistados, as famílias, em sua maioria, se surpreendem com os comportamentos das crianças, pois acreditam que, por sua própria condição (dificuldade de aprendizagem e dependência), não se desenvolverão na área da sexualidade e somente aprenderão aquilo que for ensinado no meio familiar, ou na escola. No entanto, foi observado nas entrevistas realizadas com as mães que, mesmo quando as crianças não expressam algum tipo de curiosidade sobre a sexualidade, existe a preocupação da família de que elas se identifiquem como pertencentes a um sexo, comportem-se de maneira condizente com o papel social esperado para cada gênero e demonstrem interesse pelo sexo oposto. Neste caso, as famílias mostraram-se capazes de antecipar o desenvolvimento natural da criança ensinando regras de pudor com o corpo, a maneira adequada de usar o banheiro, além de estimular fantasias sobre namoro.

Considerando todas estas variáveis e o significado da importância que o desenvolvimento afetivo-sexual tem para o desenvolvimento integral da pessoa com deficiência mental, este tema deveria ser priorizado nas escolas especializadas como conteúdo a ser trabalhado com os alunos em todas as fases do ensino, tanto em grupo, como individualmente e com as famílias – partindo principalmente do ensino infantil e conscientizando a família de seu papel. O estudo ratificou esta necessidade ao revelar que as crianças com deficiência mental cujas mães foram entrevistadas, já haviam apresentado no meio familiar algum tipo de curiosidade ou manifestação na área da sexualidade, mas não receberam dos pais orientações adequadas em função das dificuldades que os próprios familiares encontram para lidar com o tema.

REFERÊNCIAS

- AZNAR, A. S.; CASTAÑÓN, D G. Sexualidad y Subjetividad em la discapacidad mental. Disponível: <http://saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=10388> Acesso em 29/04/2004.
- BRAZELTON, T. B.; SPARROW, J. D. *3 a 6 anos : momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- DENARI, F. E. Sexualidade & Deficiência Mental: Reflexões sobre conceitos. In: *Revista Brasileira de Educação Especial./ Universidade Estadual Paulista*, v. 08, n. 01 p. 09-14, 2002. Marília: UNESP-Marília-Publicações.
- FACION, J. R. *Transtornos invasivos do desenvolvimento associados agraves problemas do comportamento: reflexões sobre o modelo interativo*. Brasília: CORDE, 2002.
- GAUDERER, C. *Sexo e sexualidade da criança do adolescente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- GESELL, A. *A Criança dos 0 aos 05 anos*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a
- GESELL, A. *A Criança dos 5 aos 10 anos*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998b
- LIPP, M. E. N.. *Sexo para deficientes mentais: sexo e excepcional dependente e não-dependente*. 4ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.
- PAN, J. R. A. *A afetividade e sexualidade na pessoa portadora de deficiência mental*. São Paulo: Loyola, 2003.
- PORTELLA, D. C. de P. Limites e possibilidades na presença de deficiências: infantilizar o portador de deficiência é uma forma de negar sua sexualidade. *Viver Psicologia*. São Paulo, n.137, p.18-20, junho 2004.
- RIBEIRO, H. C. de F. *A vida afeito-sexual e os portadores de deficiência mental: uma análise de suas vivências*. In: XXI Congresso Nacional da APAEs, II Fórum de Auto-defensores – A escola que buscamos: direitos e desafios. 2003, Bento Gonçalves. Anais. CD-ROM.